



**9º Encontro Internacional de Política Social**  
**16º Encontro Nacional de Política Social**  
**Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises**  
**Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023**

Eixo: Mundo do Trabalho.

**Trabalho no século XXI: metamorfoses da luta da classe trabalhadora**

**Roberto Coelho do Carmo<sup>1</sup>**  
**Luiza de Almeida Dornas<sup>2</sup>**  
**Maria Alice Silva Santos Félix<sup>3</sup>**

**Resumo:** O presente artigo buscou problematizar as condições de trabalho no século XXI, diante dos impactos que temos com a rápida implementação das novas tecnologias de informação e comunicação nos processos de trabalho, logo, das relações sociais. Tivemos os objetivos de desdobrar os caminhos e estratégias utilizados pela classe trabalhadora na contemporaneidade, tendo em vista os impactos ainda desconhecidos sofridos por essa na ordem do capital de vigilância. E, dialogar criticamente, os vieses das lutas políticas desta classe, haja vista que a consciência de classe, como proposto nessa discussão, é imprescindível para o reconhecimento de uma luta de si e para si. Por fim, apresentamos como considerações finais, reflexões do conteúdo apontado e encaminhamentos de futuros debates.

**Palavras-chave:** Novas Tecnologias. Capitalismo de Vigilância. Consciência de Class. Processos de Trabalho.

**Work in the 21st century: metamorphoses of the working class struggle**

**Abstract:** This article seeks to problematize working conditions in the 21st century, given the impulses we have with the rapid implementation of new information and communication technologies in work processes, therefore, in social relations. They aimed to strengthen the paths and strategies used by the working class in contemporary times, in view of the still unknown impacts suffered by them in the order of surveillance capital. And, to critically dialogue, the biases of the political struggles of this class, since class consciousness, as a proposal for discussion, testifies to the recognition of a struggle of itself and in that for itself. Finally, we present, as final considerations, reflections on the indicated content and referrals for future debates.

**Keywords:** New technologies; Surveillance Capitalism; Class Consciousness; Work Processes

## INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 e o necessário isolamento social vivido em quase todo o planeta de forma sistemática, tornaram-se um importante marco para se analisar o contexto do trabalho neste século. Isso porque, se se tinha como tendência, antes mesmo da pandemia, o isolamento do trabalhador em ilhas de trabalho digital, rompendo de

<sup>1</sup> Assistente Social. Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre e doutor em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Docente no Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Saúde e Serviço Social (GEPTSSS/UFOP). ORCID: 0000-0003-0136-8432. E-mail: roberto.carmo@ufop.edu.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista da Pesquisa “Capitalismo de Vigilância e Consciência de Classe”. E-mail: luiza.dornas@aluno.ufop.edu.br.

<sup>3</sup> Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista da Pesquisa “Novas Tecnologias nos Processos de Trabalho e a Teoria do Valor Trabalho de Marx”. E-mail: maria.assf@aluno.ufop.edu.br.

forma mais aguda as fronteiras do trabalho e do não trabalho, o processo de isolamento acelerou e solidificou tais tendências. Essas apressadas mudanças repõem a urgente tarefa de se pensar as transformações necessárias nas lutas de classe em vista do trabalho mediado por tecnologias.

Como tratado por Huws (2014), novos empregos e novas atividades econômicas têm sido geradas a partir de áreas da vida que foram historicamente vistas como fora do propósito do mercado de trabalho. Hoje, temos o trabalho imaterial/digital ocupando uma posição de crescente destaque na sociedade da tecnologia. Essas transformações no mundo do trabalho, bem como das relações sociais, que tem tornado nossas ações cotidianas mais súbitas, nos levam a reavaliar os desafios históricos para a interpretação dos conceitos que temos de “classe”, “mercadoria” e “trabalho” (Huws, 2014). Não porque os conceitos em si tenham perdido capacidade de explicar a realidade, mas como estes conceitos explicam a realidade contemporânea, onde as necessidades humanas se atualizaram e as forças produtivas do trabalho estão em outro nível de avanço.

A pretexto disso, também consideramos para nossa argumentação características próprias do cenário pós-Quarta Revolução Industrial, em particular sobre o Capitalismo de Vigilância (ZUBOFF, 2018), que acrescenta contribuições para análise referente às mercadorias e o modo de produzi-las. Vejamos.

## **QUARTA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O TRABALHO NO SÉCULO XXI**

Defini-se como revolução as mudanças recentes e considera que se apresentem características da produção que rompem com os paradigmas produtivos do período antecedente. Acreditamos ser o trabalho de Klaus Schwab o mais preciso em descrever essas características e apresentar como revolução industrial as mudanças produtivas que estamos vivendo. Para o autor a Quarta Revolução Industrial, baseia-se na revolução digital. “É caracterizada por uma internet mais ubíqua e móvel, por sensores menores e mais poderosos que se tornaram mais baratos e pela inteligência artificial e aprendizagem automática” (SCHWAB, 2016, p.16).

A palavra “revolução”, nesse contexto, expressa uma mudança radical na sociedade, ou seja, a Quarta Revolução Industrial retrata um período de grande automatização nas indústrias e constante integração de altas tecnologias capazes de gerar, organizar, tratar e distribuir informações para além da compreensão humana mais imediata; dentre estas citam-se as inteligências artificiais (IA), análises de Big Data,

robotização, computação em nuvem, impressão 3D, redes 5G, leitores biométricos, nanotecnologias IoT (Internet das Coisas ou Internet Of Things) e acima de tudo, a comercialização contínua da informação.

Pela primeira vez na história da humanidade, mudanças nos meios digitais, físicos e biológicos estão interconectados e cooperam entre si, aumentando a eficiência e a produtividade industrial. É exatamente este último aspecto que Schwab aponta como específico deste período. Segundo ele, “o que torna a quarta revolução industrial fundamentalmente diferente das anteriores é a fusão dessas tecnologias e a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos” (2016, p.20).

Em decorrência da constante ascensão dessas tecnologias, o trabalho morto cada vez mais substitui o *quantum* de trabalho vivo, ou seja, a inserção massiva de robôs e inteligência artificial têm modificado drasticamente o mercado de trabalho e, devido a isso, várias profissões, hoje ativas no mercado, perdem sua utilidade e caminham para a inexistência. Para se ter uma ideia do problema, os dados fornecidos pelo estudo do *McKinsey Global Institute, Jobs lost, jobs gained: Workforce transitions in a time of automation* em 2017, constata que, em cerca de 60% das ocupações, pelo menos um terço das atividades constitutivas podem ser automatizadas (MANYIKA, *et al.*). Além disso, de acordo com Pedro Guimarães, sócio da *McKinsey* no *South Hub*, até 2030, quase 16 milhões de postos de trabalho podem ser perdidos só no Brasil devido à automação. Isso representa 14% da força de trabalho atual do país (2018, n.p).

Em suma, já se pode perceber que as transformações produtivas características da Quarta Revolução Industrial acarretam perda de empregos. Contudo, observamos simultaneamente a criação de novos postos de trabalho e especializações capazes de manejar essas novas ferramentas de trabalho, como programadores e profissionais especializados em tecnologia. Como afirma Costin (2019, n.p) “haverá em poucos anos a extinção de tarefas dentro de várias ocupações, diante da automação e da robotização aceleradas. Outras serão criadas, demandando, porém, competências distintas das que estavam em alta até pouco tempo”. O estudo supracitado indica ainda que o impacto da automação sobre o emprego varia conforme a ocupação do setor. As profissões mais suscetíveis a automação são aquelas que envolvem atividades físicas em ambientes previsíveis, como operar máquinas e preparar refeições rápidas (MANYIKA, *et al.* 2017).

Há também as mudanças que dizem respeito ao comportamento de consumo, inclusive de força de trabalho. Na cultura, por exemplo, enquanto vemos um grande número de salas de cinemas fechadas durante a pandemia, serviços como a Netflix crescem acima das expectativas de Wallstreet. Em matéria na revista *Época Negócios*, das dez empresas que mais cresceram no período, todas eram voltadas para negócios digitais. Encabeçam a lista Amazon, Microsoft e Apple, com Facebook em sexto lugar e PayPal em nono. Os serviços de Delivery de comida no Brasil, que já vinham em franco crescimento antes da pandemia, só nos três primeiros meses após o anúncio do primeiro caso no país, cresceu mais de 60%.

A situação a ser analisada, no entanto, não é apenas a substituição intensa da mão de obra para a implantação de máquinas, mas analisar que a Quarta Revolução Industrial desenvolve-se mais aceleradamente que em outros períodos sócio-históricos e as tecnologias estão cada vez mais se tornando independentes do trabalho vivo. Em alguns casos, essas novas tecnologias já independem totalmente da mão de obra humana, vide o robô costureiro Sewbot, criado pela SoftWear Automation, aderido pela Adidas, uma marca de destaque no mercado mundial. Segundo o site de modas CouroModa, com câmeras e braços robóticos preparados para o corte e a costura, Sewbot consegue produzir uma camiseta desde o seu estado inicial em 4 minutos.

Claro, não apenas o tempo importa para a indústria que realiza o investimento em tecnologia de ponta, bem como o custo de produção. Segundo a mesma fonte, o custo do trabalho humano por camiseta que era de US\$0,33 recaí para US \$0,05 a unidade, com a implementação da robótica no campo de trabalho. Outrossim, uma agência de notícias chinesa chamada *Xinhua* surpreendeu a população ao apresentar dois robôs jornalistas com aparências muito próximas ao ser humano, desenvolvidos a partir da tecnologia de reconhecimento facial e reconstrução 3D. Portanto, pode-se observar que, com o aumento da tecnologia, a presença humana em diversos setores trabalhistas pode diminuir ou caminhar para sua total extinção, pois, tal como apresentado na matéria do robô costureiro, a quantidade de postos de trabalhos extintos não é divulgada, mas a impossibilidade de que outras fábricas chinesas compitam preço é determinado, ao passo que cresce o índice de trabalho flexível e intermitente e a população excedente no mercado de trabalho.

Nesse contexto de sedimentação desta última revolução industrial temos desafios no que se diz respeito à realidade do trabalho no mundo inteiro. Vemos que muitos empregos, antes perfeitamente delimitados no que diz respeito a jornada de trabalho, salário e benefícios trabalhistas, vêm sendo modificados em razão dos serviços alocados na internet a partir de sites e aplicativos, como a Uber, 99, Airbnb, entre outros que, à vista disso trazem uma emancipação predatória (Morozov, 2018). Isto é, uma comodidade que cria uma sequência de dependências e reforça a ausência de autonomia dos usuários.

O trabalhador “uberizado”, segundo Abílio (2020, p. 111), “(...) consolida a redução do trabalhador a um *trabalhador just-in-time*, a um autogerente subordinado, que arca com os riscos e custos de sua própria produção, sendo utilizado na exata medida das demandas do mercado”. Em outras palavras, um profissional que utiliza desses aplicativos pode passar por horas exaustivas de trabalho sem a garantia de que o dia irá lhe render alguma quantia. Então, além de ter seu trabalho utilizado e remunerado na exata medida da demanda (ABÍLIO, 2020) colaborando por determinada plataforma por anos, no final disso, não possui nenhum direito trabalhista como férias, décimo terceiro salário, licença maternidade, além de não ser um contribuinte previdenciário. Tal como a Uber, um serviço digital de mobilidade urbana, estes serviços em que o trabalhador é apontado como um colaborador/empreendedor, se esquivam das regulamentações trabalhistas.

Neste sentido não restam dúvidas de que, a uberização, modo de trabalho que nasceu com a Quarta Revolução Industrial, utiliza da tecnologia para precarizar cada vez mais os vínculos empregatícios, tornando-os desregulamentados e desprotegidos, visto que o trabalhador, além de não receber nenhum benefício estabelecido pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), também é responsável pelo seu instrumento de trabalho. O único responsável por gerenciar seus custos de manutenção e seguros para se manter no mercado é o próprio trabalhador. Para se ter uma ideia, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o número de empregados sem carteira assinada é o maior desde o primeiro resultado dessa pesquisa, em 2012. No total são 13,2 milhões de trabalhadores sem registro em carteira, um aumento que chega a 0,2% em relação ao trimestre anterior. Em relação ao ano de 2021, o aumento foi de 6,4%.

Em contrapartida, é indiscutível que a tecnologia trouxe diversos benefícios à população. A mobilidade no mundo digital pode, quem sabe, ultrapassar o mundo físico, tornando esses benefícios ainda maiores para o capital, com o processo acelerado de produção e circulação do capital, como já mencionado. Com essa rapidez da tecnologia

atual podemos obter dados e informações em tempo recorde e a facilidade em acessar recursos sem se deslocar do ambiente em que você se encontra, como é o *internet banking*, que permite qualquer tipo de transação e pagamentos rápidos e sem filas. Para isso, basta um aparelho móvel com um sistema operacional, como Android e iOS, e acesso a uma rede de internet.

Não se deve, contudo, perder de vista que o meio virtual depende da infraestrutura material/física para o seu funcionamento. Ou seja, apesar da expansão do meio virtual, a produção física de mercadorias materiais é ainda o principal método do capitalismo para gerar lucro (HUWS, 2014). Neste sentido, os trabalhadores que puderam manter suas atividades produtivas em *home office* durante a pandemia, marcam, nesta Quarta Revolução Industrial, um cenário de privilégios sociais, devido suas melhores qualificações no mercado de trabalho, que não advém apenas do esforço, e sim de marcadores sociais estruturados na sociedade, como raça/etnia, sexo e orientação sexual, o que se traduz na imagem do patriarcado de um homem branco hétero normativo. Já os trabalhadores da infraestrutura física de produção e circulação de mercadorias, tais como motoboys/motogirls, mineradores e demais, permaneceram durante a pandemia (ainda que estes não fossem serviços essenciais) e permanecem atuando em seus postos de trabalho para obter alguma renda, visto o alto nível de desemprego, e atender as demandas da burguesia nacional.

Por fim, o que buscamos evidenciar aqui são as mudanças que ocorreram no mundo produtivo e alguns desafios de análise que se apresentam neste tempo histórico sobre como se configura a classe trabalhadora hoje. Adiante, seguiremos o debate dando particular atenção às tecnologias informacionais.

## **A PARTICULARIDADE DAS TECNOLOGIAS INFORMACIONAIS**

Dentre as principais características da Quarta Revolução Industrial, está a colossal capacidade tecnológica para gerar, armazenar e tratar dados, traço marcante desta era do capitalismo de vigilância descrito por Zuboff (2018). Para a autora, o princípio da privacidade, direito íntimo e indissociável de cada indivíduo é diluído com a informatização. Sob hegemonia das Big Techs<sup>4</sup> transforma-se tudo, cada clique, cada curtida, cada busca em informação analisável. Nesta conjuntura, as pessoas são a origem

---

<sup>4</sup> São as grandes empresas de tecnologia que dominam esta categoria de mercado, tal como Google, Facebook, Amazon, dentre outras.

dos dados e os alvos finais das ações produzidas a partir destas informações. Tudo isso ocorre, sem um diálogo claro, e um consentimento por parte do usuário e consumidor.

Como o principal ativo dessas empresas de tecnologia é a informação, mercadoria com características imateriais, torna-se pertinente apontar novamente que a Lei Geral da Acumulação Capitalista, explicada por Karl Marx em *O Capital*, ainda é bastante apropriada para explicar os fenômenos deste mundo capitalista. Isto posto, o que se deseja é recuperar que os novos fenômenos se apresentam como revolução industrial capitalista, e sob a lógica da acumulação capitalista precisam ser analisados.

A afirmação que parece banal, precisa ser recuperada especialmente sob o surgimento de novos modelos de negócios que se reconhecem com princípios solidários, mas que ao fim, também assumem a lógica da acumulação de capital, como o caso dos trabalhos da economia compartilhada (SLEE, 2018) e trabalhos por plataforma. Recuperando os fundamentos deste modo de produção, desta relação social fundamental entre capital e trabalho, poderemos aprofundar suas consequências como precarização do trabalho, subemprego e aumento da miséria para o trabalho. Enquanto para o capital, os avanços promovidos pela Quarta Revolução Industrial permitem reduzir custos e aumentar a velocidade da produção e circulação de mercadorias, acelerando e potencializando a realização do mais valor.

Grandes empresas como o Google e a Microsoft extraem dados pessoais dos usuários de tecnologias e os têm como ativos, como aquilo que lhes confere valor de mercado. É de posse dessas informações que conseguem antecipar tendências e os comportamentos que os indivíduos tendem a seguir. Dessa forma, tudo que fazemos, comemos, pesquisamos, falamos e compartilhamos é utilizado como uma fonte de informação infinita para o capital, o que significa dizer que, a própria experiência humana passa a ser utilizada como mercadoria.

O que queremos afirmar aqui é que, embora represente de fato um salto de desenvolvimento para a sociedade, a Quarta Revolução Industrial manifesta também novas estratégias de exploração e controle sobre o trabalho. Temos assim, um desenvolvimento humano, mas não humanitário.

Entender o que é social e o que é privado no mundo material é algo que se coloca de imediato. Quer dizer, no mundo real nós temos clareza do público e do privado, uma clareza física, um muro ou cerca que divide o meu, o seu e o público, o comum. Quando não, existem Leis e regras que estabelecem isso. Como, por exemplo, as regras do mercado de trabalho. Que tendem à ruína, para se ajustar ao que não sabemos do

mundo virtual. Quer dizer, se antes tínhamos a regra trabalhista orientando uma relação de comprador e vendedor, hoje, com a uberização, por exemplo, o vendedor não vende a ninguém, mas a um aplicativo, que por sua vez não é comprador, mas mediador, e o comprador, não compra de ninguém, mas de um aplicativo, que por sua vez não é vendedor, mas mediador. Qualquer questão que o vendedor possa ter com o comprador, ele não poderia reclamar legalmente, pois o comprador não existe para ele na relação!

Os limites entre público e privado vão além das letras miúdas das regras de privacidade que normalmente se assinala saber, sem, na verdade, se ter lido. Com isso, saber-se-íamos dizer se um e-mail pessoal do Gmail é do criador da conta no sistema ou da Google, empresa privada proprietária do aplicativo/serviço? Ou ainda, se é possível garantir-se o sigilo das pesquisas acadêmicas que se fazem no Google Forms? No espaço virtual não existem muros ou cercas visíveis. Mesmo no campo subjetivo, há um nível de percepção que é muito complexo. Quer dizer, como saber se em uma conferência online, determinado assunto é desconfortável e deveria ser mantido na esfera privada? Tem algo que é do humano e acredita-se ser inalienável.

As ações que visam acumular grandes volumes de dados (Big Data), por mais que se trate do resultado de instrumentos tecnológicos, não são ações autônomas. Para Zuboff (2018, p.18), ele tem origem social, pois se parte da decisão de outro a guardar informações pessoais de outrem, vertendo essa informação em mercadoria. Recuperando então a Lei Geral da Acumulação capitalista, pode-se afirmar que o *big data*, é hoje, um componente fundamental da lógica de acumulação. Converte-se o cotidiano em informação e informação em mercadoria. Conhecendo o cotidiano, é possível prever e sugerir ações de compra e venda, acelerando o ciclo do capital que tende a ser com isso cada vez mais curto.

No serviço público, a lógica da vigilância entra sob o discurso de facilitar a vida do usuário de políticas, mas, ao contrário de facilitarem a vida da população, dificultam, em especial o acesso a benefícios assistenciais. É certo afirmar que, na constituição brasileira, a assistência é ofertada para quem dela necessitar (1988, art. 203), no entanto, com a introdução dessas tecnologias, o acesso aos serviços e programas, por muitas vezes, não chegam até as populações que possuem marcadores sociais que dificultam o acesso, tal como pessoas em situação de pobreza e extrema-pobreza, pessoas idosas, pessoas com deficiência e pessoas que moram em regiões rurais, seja pelo fato de não compreenderem o funcionamento dos aparelhos e dos serviços ou por nem mesmo

possuírem os aparelhos e o acesso à rede, instrumentos inerentes para obterem tal benefício.

No período da pandemia mundial do coronavírus, no Brasil a análise socioeconômica era realizada virtualmente via CAIXA Tem, um aplicativo de serviços sociais e transações bancárias. Documentários e pesquisas científicas mostram que a população que necessitou do auxílio recebeu com dificuldade ou não conseguiu devido aos desafios tecnológicos impostos nesses processos, em que não se discute e, tão logo, não vislumbra políticas públicas da realidade de pessoas analfabetas digitais. Contraposto a este cenário, a facilidade de acesso ao auxílio por pessoas que não necessitam do benefício assistencial, se deve ao conhecimento acerca das tecnologias, utilizando dessa para fraudar a análise socioeconômica e receber o benefício assistencial.

O exemplo mais recente que temos desse quadro está na pandemia de Covid-19: nesse espaço de tempo foi notório a dificuldade de solicitar e de receber o auxílio emergencial ofertado. De acordo com um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), utilizando como base o painel TIC Covid-19 do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), a falta e a dificuldade do acesso aos aparelhos móveis e a internet dificultou o cadastro e o recebimento do auxílio emergencial. Ainda segundo o estudo, das pessoas entrevistadas que pertencem a uma faixa mais pobre da população, 20% não tinham aparelhos celulares para solicitarem o benefício, outros 22% alegaram falta de acesso à internet.

Além dos diversos tipos de golpes bancários, redes sociais têm sido usadas cada vez mais como meio de aplicar golpes, neste caso estamos dizendo de pessoas jovens, com uma base de conhecimento tecnológico consolidada, e que passam pela situação de ter sua imagem usada para anunciar trabalhos pornográficos, por exemplo. Essas situações envolvem consequências no ambiente de trabalho, familiar, e em demais esferas da sociabilidade, além do psicológico. Diariamente milhares de pessoas sofrem com essa exposição, entretanto, não há a quem recorrer, a não ser a denúncia do falso perfil. As plataformas não assumem responsabilidades com o uso de imagem dos usuários, pois estes dados faciais são usados também por eles.

Por fim, os indivíduos e as informações recolhidas através dessas tecnologias de comunicação e informação passam a ser mercadoria. Nós viramos o produto, o produtor e o alvo final das mercadorias. Isto é, as mercadorias materiais ou imateriais que nos são disponibilizadas em um mercado global, passadas por complexas cadeias de valor e o nosso trabalho não remunerado como consumidores está cada vez mais envolvido

nisso (HUWS, 2014). Ademais, além do potencial controle que se pode exercer sobre o trabalho, o que o capitalismo de vigilância permite evidenciar é que há uma poderosa máquina de disseminação de informação (verdadeira ou falsa) que têm potencial para flexionar uma luta política da classe trabalhadora, contribuindo para a formação ou não de uma consciência de classe. Vejamos.

## **CAMINHOS DA LUTA POLÍTICA DA CLASSE TRABALHADORA**

Até aqui recuperamos que muitas das mudanças que ocorreram no mundo do trabalho configuram um cenário de revolução industrial. Revolução que tem como uma de suas características a vigilância, o controle. Controle esse exercido pela capacidade de capturar, analisar informação mas também de transmitir informação em massa e em velocidades inumanas. O que teria enorme potencial para inferir na consciência da classe trabalhadora e fomentar a luta política. A análise de Mészáros é precisa ao afirmar que a manifestação da consciência não é, em todos os seus aspectos, algo positivo, afinal, a consciência pode ser colocada a serviço da vida alienada, da mesma forma que pode visualizar a suplantação da alienação (2008, p.58). Estamos tratando no plano da subjetividade da tomada de consciência daquilo que seria central para esta organização societária, potencializando uma crítica e ação política revolucionária ou, do contrário a incorporação dessa sociabilidade calcada na alienação do trabalho, em uma dominação do tempo, uma dominação abstrata.

Neste plano, as greves e o sindicalismo têm potencial para ser um importante fator para o desenvolvimento da consciência crítica do capitalismo por parte da classe trabalhadora, uma consciência do seu pertencimento e do seu papel enquanto classe, qual seja, sua autoeliminação, a eliminação de qualquer forma de relação social sustentada na dominação humana. É exatamente sobre este ponto que se retoma a argumentação. Se antes da disseminação das tecnologias, as greves e movimentos políticos populares assumiram características de se estabelecer pela interlocução direta no chão de fábrica e em espaços coletivos da vida dos trabalhadores, na atualidade esses movimentos passariam por instrumentos de comunicação tecnológicos, o que pode conferir uma visibilidade e alcance maior. A questão que se coloca é sobre a apropriação dessa potência de mobilização e formação de consciência. Exemplo desse alcance ampliado foram as jornadas de julho de 2013 no Brasil. Essas jornadas alcançaram amplo grau de aceitação pública e dimensão nacional. Uma mobilização que nasceu do protagonismo do movimento estudantil e ganhou as redes sociais a partir da operação “Pare o Aumento”,

em referência ao aumento das passagens dos transportes públicos. No fim, uma “reação neoconservadora tentou explorar, como propaganda, os símbolos das Jornadas de Junho (usando seus nomes, como o Movimento Brasil Livre em alusão ao Movimento Passe Livre, e a palavra de ordem “Vem pra Rua” e “Sem Partido”)<sup>5</sup>. Uma clara apropriação do potencial de formação de consciência de classe. Neste caso, uma consciência a serviço da vida alienada, como já dissera Mészáros (2008).

Por outro lado, com dimensão bem menor (tratou-se de um movimento de uma categoria), mas absolutamente exitosa, seja pelo atendimento das pautas reivindicadas, seja no plano político por reinventar a experiência de organização, temos a greve das trabalhadoras e trabalhadores do SERPRO. O movimento ocorreu em plena pandemia, com as atividades convertidas para home office. Contudo, nas palavras da presidenta do Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados, Informática e Tecnologia da Informação do Estado de Pernambuco (SINDPD-PE), Sheyla Lima, “Vivemos uma greve atípica e momentos de tensão, mas o sindicato procurou se adaptar a esse contexto, promovendo assembleias e discussões virtuais, o que garantiu a presença forte da categoria e manteve a mobilização”.

As redes sociais, por vezes, atingem um número mais significativo de indivíduos do que as manifestações em ruas, se mostrando bastante eficiente ao analisar como as redes sociais têm surtido efeitos positivos na facilidade de que um conteúdo viralize<sup>6</sup>. Assim, é possível perceber as reivindicações digitais no mundo inteiro.

As greves e sindicatos trabalhistas sempre foram essenciais para que os direitos básicos e de cidadania fossem garantidos, no entanto, sabemos que para cada época histórica, os trabalhadores necessitam de readaptações de sua luta para os resultados serem significativos. Segundo Bertamé (2020, n.p) “(..) as lutas sindicais não nascem antes do trabalho, mas em consequência dele e se reorganizam conforme o campo de exploração do trabalho se reorganiza”. Em outras palavras, se temos um contexto de exploração do trabalho característico da quarta revolução industrial marcado pelo capitalismo de vigilância, também a luta política precisa ser a luta deste tempo histórico. Necessitam de surgir na sociedade uma forma que reconheça as novas formas de organização e exploração do proletariado com potencial de mobilização e formação de

---

<sup>5</sup> As jornadas de Julho de 2013 não se resumem a este resultado, a formação de uma reação conservadora, aqui apenas destacamos como o potencial de mobilização das redes de comunicação digitais e como o potencial de formação de consciência do movimento político.

<sup>6</sup> O neologismo viralizar tem origem na palavra vírus e faz referência ao modo como os vírus de computador se disseminam rapidamente multiplicando seu alcance em escala exponencial.

consciência. Uma forma potencialmente capaz de formar uma subjetividade que incorpore o papel histórico da classe trabalhadora.

Esses exemplos nos remetem ao debate de Huws (2014) sobre a reavaliação da teoria do valor trabalho de Marx, que, com o perdão do trocadilho, ainda tem seu valor para interpretação sociedade, apesar de a sociedade ter características outras. Compreendemos tal como a autora que, as mercadorias materiais ou imateriais que nos são disponibilizadas em um mercado global são passadas por complexas cadeias de valor, e o nosso trabalho não remunerado como consumidores está cada vez mais envolvido. Neste sentido, a classe trabalhadora não está presente hoje apenas na produção e circulação de mercadorias, mas até mesmo como consumidores, estaríamos prestando serviços não remunerados e invasivos. A teoria do valor trabalho une: a necessidade de subsistência dos trabalhadores, seu trabalho e o mais-valor expropriado dos resultados desse trabalho, sem a qual o capital não pode ser acumulado ou o capitalismo se perpetuar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se aqui expor sumariamente características do trabalho no século XXI, sob os auspícios de uma Quarta Revolução Industrial e contextualizado pelo capitalismo de vigilância. Desta feita, se procurou capturar características marcadas por este contexto histórico, apontando a necessidade de uma luta política articulada com o seu tempo.

Contudo, por mais que nosso esforço tenha se direcionado à tarefa, alguns aspectos, identificamos, são frágeis. Especialmente no que se refere a demonstrar as diferenças dos movimentos classistas. Isto posto, apresentamos aqui como demanda de investigação futura revisitar e analisar as experiências históricas de tais movimentos para uma comparação e prospecção mais assertiva, propositiva e profunda.

Também por vivermos ainda um processo de estabelecimento das mudanças oriundas desta Quarta Revolução Industrial, muito não foi considerado no que se refere a novos instrumentos de trabalho e devem ser alvo de investigações futuras. A simbiose entre o digital, o mundo físico e o biológico, característica dessa revolução, produz instrumentos de inteligência artificial, sensores e leitores biométricos ainda não avaliados em profundidade seu potencial para a luta política.

Em uma sociedade onde a informação é uma mercadoria de grande valor, revisitar sob os desafios deste tempo histórico as teorias que explicam o processo de valorização tornou-se uma necessidade imediata. A reboque destas transformações, debatemos que a consciência de classe discutida por importantes autores marxistas, é

necessária para o desenvolvimento de um contingente de trabalhadoras e trabalhadores que tenham presente as lutas em si e para si, contrariando as tendências do capital de incentivar o consumismo desenfreado, o individualismo e a opressão dentro dos grupos sociais.

Por fim, diante do impacto causado pelas novas tecnologias no modo de vida da trabalhadora e do trabalhador, precisamos recuperar que, se no circuito de produção e circulação do valor, sua determinação é voltada para potencializar o lucro, no movimento político da classe trabalhadora essas ferramentas podem assumir outra determinação. Assumir politicamente estes instrumentos, é uma necessidade para a classe trabalhadora.

## REFERÊNCIAS

**8 robôs que fazem trabalhos de humanos.** Redação #TMJ. [s.d.]. Disponível em: [8 robôs que fazem trabalhos de humanos - #TMJ \(tmjuntos.com.br\)](https://tmjuntos.com.br). Acesso: 1 de março de 2023.

**10 empresas que mais cresceram durante pandemia do coronavírus.** Época Negócios, G1. Publicado em: 20 de Junho de 2020. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2020/06/10-empresas-que-mais-cresceram-durante-pandemia-do-coronavirus.html>. Acesso: 1 de março de 2023.

ABÍLIO, Ludmilla Costek. **Uberização: a era do trabalhador just-in-time?** Estudos Avançados, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3498.008>. Acesso: 27 de fevereiro de 2023.

ABÍLIO, L. **Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado.** Revista Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad, 2019, v. 18, n. 3, pp.1-11. Acesso: 27 de fevereiro de 2023.

**Aumento de 60% no Delivery faz investidores buscarem por inovações.** Terra. Publicado em: 24 de Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/aumento-de-60-no-delivery-faz-investidores-buscarem-por-inovacao,5297fed7f4b12c4dda03d54611c21eb1kxsl6lwh.html>. Acesso: 1 de março de 2023.

BERTAMÉ, Rodrigo. **Da uberização do sindicalismo ao cyber sindicalismo: provocações.** Disponível em: [Da uberização do sindicalismo ao cyber sindicalismo: provocações - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](https://www.institutohumanitas.org.br/uberizacao-do-sindicalismo-ao-cyber-sindicalismo-provocaes). Acesso: 24 de fevereiro de 2023.

COSTIN, Cláudia. **A OIT, o futuro do trabalho e aprender a aprender.** Folha de São Paulo. Publicado em 25/01/2019. Disponível em: [A OIT, o futuro do trabalho e aprender a aprender – Por Claudia Costin | Brasilagro](https://www.folha.com.br/2019/01/25/a-oit-o-futuro-do-trabalho-e-aprender-a-aprender-por-claudia-costin-brasilagro/). Acesso: 24 de fevereiro de 2023. **Empregados sem carteira assinada chegam ao maior número da série histórica, diz IBGE.** G1. Publicado em 28 de Fevereiro de 2023. Disponível em: [Empregados sem carteira assinada chegam ao maior número da série histórica, diz IBGE | Economia | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/economia/empregados-sem-carteira-assinada-chegam-ao-maior-numero-da-serie-historica-diz-ibge/). Acesso: 01/03/2023.

**Exclusão digital prejudicou acesso de mais pobres ao auxílio emergencial.** Brasil de Fato. Publicado em 2 de Junho de 2021. Disponível em: [Exclusão digital prejudicou acesso de mais pobres ao auxílio | Geral \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br/geral/exclusao-digital-prejudicou-acesso-de-mais-pobres-ao-auxilio). Acesso: 1 de março de 2023.

FARIA, Gabriele. **Tecnologias da informação e comunicação nas políticas sociais:** opacidade e ilusão democrata. Revista Katálysis, Florianópolis, v.25, n. 1, p. 137-146, an./abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82314>. Disponível em: [www.scielo.br/j/rk/a/HKD6pTWxfR5s5dtZvLBZTJM/?lang=pt](http://www.scielo.br/j/rk/a/HKD6pTWxfR5s5dtZvLBZTJM/?lang=pt). Acesso: 24 de fevereiro de 2023.

FERREIRA;A. **Ecos de Junho:** Insurgências e crise política no Brasil (2013-2018). Disponível em: <https://web.archive.org/web/20200808235732/https://diplomatie.org.br/ecos-de-junho-insurgencias-e-crise-politica-no-brasil-2013-2018/>. Acesso: 1 de março de 2023.

GUIMARÃES, P. **Quase 16 milhões de postos de trabalho podem ser perdidos no Brasil até 2030.** São Paulo: McKinsey & Company, 9 dez. 2018. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/br/our-insights/blog-made-in-brazil/quase-16-milhoes-de-postos-de-trabalho-podem-ser-perdidos-no-brasil-ate-2030>. Acesso: 24 de fevereiro de 2023.

HUWS, Ursula. **VIDA, TRABALHO E VALOR NO SÉCULO XXI: desfazendo o nó.** v. 27 n. 70, 2014. Dossiê: Trabalho Imaterial. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000100002>. Acesso: 24 de fevereiro de 2023.

LOUREIRO, Rodrigo. **Foi bom ou foi ótimo? Os resultados da Netflix na pandemia.** Exame. Publicado em 16 de julho de 2020: [Foi bom ou foi ótimo? Os resultados da Netflix na pandemia | Exame](https://exame.com/foi-bom-ou-foi-otimo-os-resultados-da-netflix-na-pandemia/). Acesso: 1 de março de 2023.

MANYIKA, James. *Et al.* **O futuro do mercado de trabalho: impactos em empregos, habilidades e salários.** Publicado em 28/11/2017. Disponível em: [O futuro do mercado de trabalho: impacto em empregos, habilidades e salários | McKinsey](https://www.mckinsey.com/br/our-insights/blog-made-in-brazil/o-futuro-do-mercado-de-trabalho-impacto-em-empregos-habilidades-e-salarios). Acesso: 24 de fevereiro de 2023.

MESZAROS, I. **Consciência de classe necessária e consciência de classe contingente,** In: Filosofia, ideologia e ciência social. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOROZOV, E. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. Tradução Claudio Marcondes. Ubu Editora, São Paulo, 2018. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5143657/mod\\_resource/content/1/Big%20Tech.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5143657/mod_resource/content/1/Big%20Tech.pdf). Acesso: 24 de fevereiro de 2023.

**Pandemia aniquilou 7,8 milhões de postos de trabalho no Brasil.** Jornal do Comércio, Porto Alegre. Publicado em: 30 de Junho de 2020. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/economia/2020/06/745540-pandemia-aniquilou-7-8-milhoes-de-postos-de-trabalho-no-brasil.html>. Acesso: 1 de março de 2023.

RENNER, Maurício. **Procergs estreia greve em home office**. Publicado em 19/01/2021. Disponível em: [Procergs estreia greve em home office | Notícias | Baguete](#). Acesso: 26 de fevereiro de 2023.

**Robô costureiro** – A tecnologia pode substituir a mão de obra humana? Publicado em 11 de Junho de 2019. Disponível em: <https://couromoda.com/noticias/ler/robo-costureiro-a-tecnologia-pode-substituir-a-mao-de-obra-humana/>. Acesso: 1 de março de 2023.

ROCHA, Rosely. **Em greve há 13 dias, trabalhadores do Serpro lutam por reajuste salarial**. Publicado em 22/08/2022. Disponível em: [Em greve há 13 dias, trabalhadores do Serpro lutam por reajuste salarial - CUT - Central Única dos Trabalhadores](#). Acesso: 26 de fevereiro de 2023.

SINDPD-PE. **Após 24 dias de greve, trabalhadores do Serpro garantem Acordo histórico no TST**. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/apos-24-dias-de-greve-trabalhadores-do-serpro-garantem-acordo-historico-no-tst-643c>. Acesso: 1 de março de 2023.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2016. Acesso: 24 de fevereiro de 2023.

ZUBOFF, Shoshana. **Big Other**: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação, In: *Tecnopolíticas da Vigilância*. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018. Acesso: 24 de fevereiro de 2023.